



Prof. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Armando Henrique

Economia Brasileira mostra recuperação: PIB mantém crescimento no 4º trimestre de 2017 e a economia sai da recessão.

Pelo quarto trimestre consecutivo, a economia brasileira se manteve em crescimento e, após dois anos de retração, os últimos dados divulgados pelo IBGE apontam um crescimento de 1% no PIB, no ano de 2017. Na comparação com o trimestre, imediatamente anterior, o PIB a preços de mercado cresceu 0,1%, no último trimestre de 2017. Na comparação anual, o crescimento foi de 2,1%. Em valores correntes, o PIB brasileiro alcançou R\$ 1.702,6 bilhões no 4º trim./2017 e, no acumulado do ano, R\$ 6.559,9 bilhões.

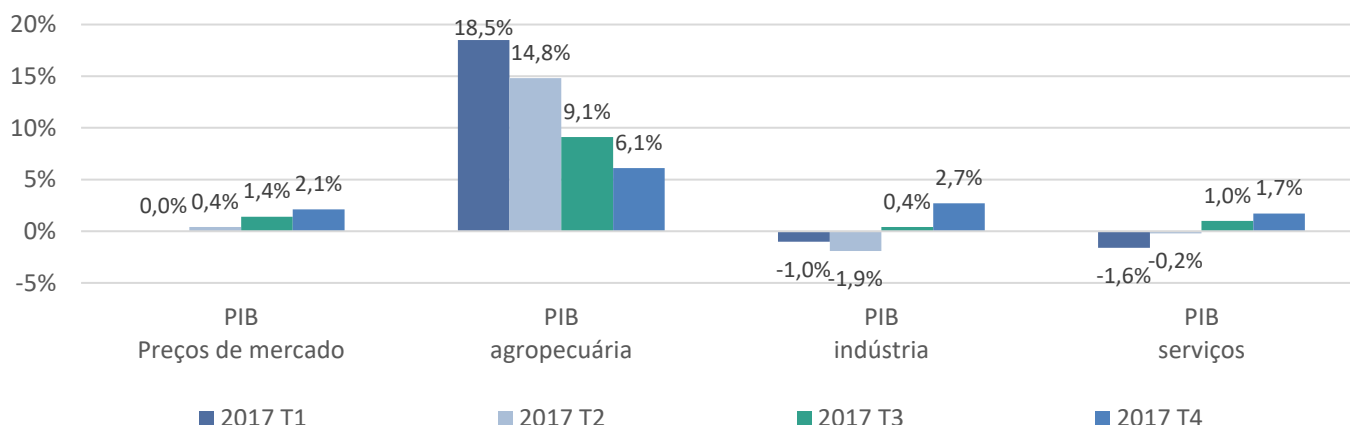
Pela ótica da oferta, o principal responsável pela recuperação da economia, no ano de 2017, foi o setor da agropecuária. A alta registrada, quando comparado o 4º trimestre de 2017 com o mesmo de 2016, foi de 6,1%. Esse bom desempenho foi resultante dos ótimos resultados nas safras dos diferentes produtos, propiciados pelo clima favorável que contribui para aumento da produção do setor, além da elevação do preço

de algumas commodities. Na comparação anual, os produtos agrícolas com maior destaque foram fumo e laranja, cujas safras tiveram alta de 29% e 8,2%, respectivamente.

O setor industrial avançou 2,7% no 4º trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior, sendo puxado pela indústria de transformação, que registrou um crescimento de 6%, com destaque para a produção de veículos, equipamentos de informática, produtos eletrônicos e óticos, móveis, metalurgia e produtos de borracha e plástico.

Finalmente, o setor de serviços teve crescimento de 1,7%, puxado, principalmente, pela expansão do segmento de transporte, armazenagem e correio e do comércio (atacado e varejo), ambos com uma taxa de crescimento de 4,4%, no 4º trimestre de 2017 em relação ao mesmo trimestre de 2016.

Figura 1 – PIB Trimestral do Brasil: Total, agropecuária, indústria e serviços
Variação % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior



Fonte: Sidra/IBGE (Contas Nacionais Trimestrais).



Prof. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Armando Henrique

A Figura 2 traz os componentes do PIB pela ótica da demanda, mostrando, também, o crescimento em relação ao mesmo trimestre do anterior. Com exceção dos Gastos do Governo, todos os demais componentes da demanda – consumo, formação bruta de capital fixo e exportações líquidas – tiveram alta no 4º trimestre de 2017 na comparação com o mesmo período de 2016.

O consumo das famílias cresceu 2,6%, taxa superior às registradas nos três trimestres anteriores. A redução da taxa de juros e da inflação, a diminuição do endividamento das famílias, o retorno do crédito e uma melhora no mercado de trabalho, acompanhada do aumento no rendimento real das famílias estão entre alguns dos fatores explicativos o avanço do consumo.

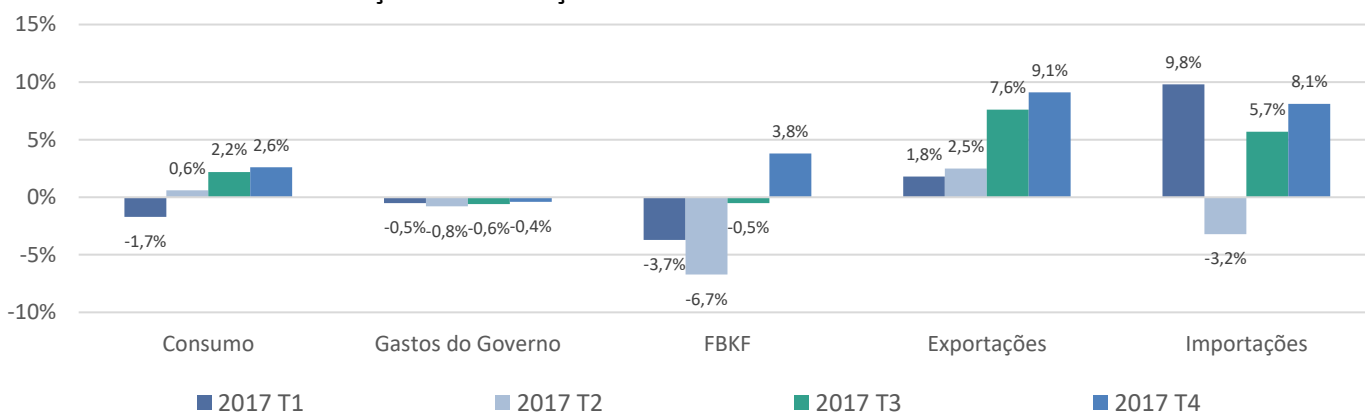
Ao longo do ano de 2017, os gastos do governo apresentaram redução. Na comparação anual, no 4º trimestre de 2017, os gastos do

governo tiveram uma redução de 0,4%. Esses dados refletem a preocupação com o controle e sustentabilidade das contas públicas que é um aspecto preocupante na economia brasileira.

O investimento, dado pela FBCF, teve expansão de 3,8%, primeiro crescimento positivo, após 14 trimestres de retração. Esse crescimento foi viabilizado, principalmente, pela retomada dos investimentos no setor automotivo e na indústria voltada para exportação que compensaram o desempenho negativo da construção.

No setor externo, as exportações de bens e serviços tiveram um desempenho recorde, proporcionado, principalmente, pela alta dos preços do minério de ferro e do petróleo e seus derivados. Na comparação anual, as exportações avançaram 9,1% e as importações 8,1%. O crescimento das importações acompanha o desempenho positivo da atividade econômica.

Figura 2 – PIB Trimestral: componentes da demanda
Variação % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior



Fonte: SIDRA/IBGE (Contas Nacionais Trimestrais).



Prof. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Armando Henrique

Apesar do otimismo no cenário econômico, no mercado de trabalho ainda reage lentamente.

A Figura 3 mostra a evolução da taxa de desocupação do Brasil. Após um período de queda, registrado entre Mar./2017 e Dez./2017, a taxa de desemprego voltou a subir, atingindo 12,2% no trimestre encerrado em Jan./2018, o que representa um total de 12,7 milhões de pessoas desempregadas. Esse resultado foi superior ao registrado no trimestre encerrado em dezembro (11,8%), mas, inferior ao verificado em Jan/2017, em que se registou uma taxa de desemprego de 12,6%, a maior taxa para o mês. Além da própria retomada da atividade econômica que é um fator que estimula o aumento do número de pessoas à procura de trabalho, há alguns efeitos sazonais, associados ao mês, como um aumento na dispensa de trabalhadores.

Em 2017, o número de trabalhadores com carteira assinada caiu. Na comparação com mesmo período do ano anterior a queda foi de 1,7% e houve crescimento do número de trabalhadores informais. Essas evidências revelam os efeitos danosos e, ainda, persistentes da crise econômica que afetam o mercado de trabalho. A

elevação do desemprego se refletiu numa significativa migração de trabalhadores para atividades informais, de forma que houve aumento da parcela da população ocupada constituída por trabalhadores sem carteira assinada e que trabalham por conta própria. Tais dados revelam um quadro preocupante de deterioração do emprego.

Acompanhando a desaceleração da inflação, o rendimento médio real habitual, como mostra a Figura 4, tem se elevado desde agosto de 2017 e, em Jan./2018, ficou em R\$ 2.169, ganho real de 1,6% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Após a reforma trabalhista aprovada em Nov./2017, o rendimento médio aumentou em R\$ 12, mas ainda é difícil estimar a trajetória dessa variável para períodos futuros devido ao seu reduzido tempo de implantação. Adicionalmente, espera-se que a reforma afete mais a empregabilidade do que o nível salarial dos trabalhadores.

Figura 3 – Taxa de Desocupação (%)

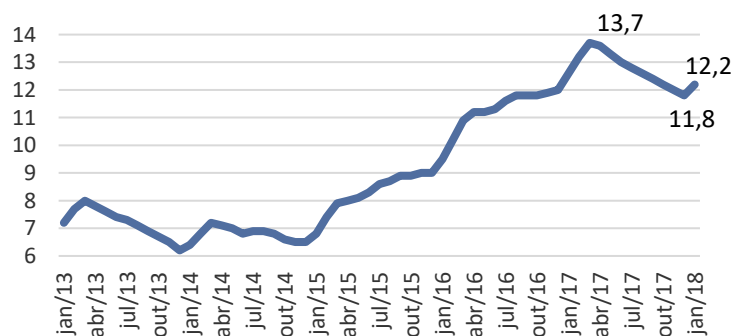
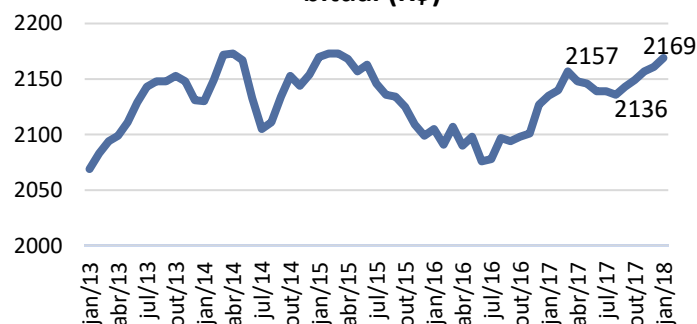


Figura 4 – Rendimento Médio Real Habitual (R\$)



Fonte: PNADC/IBGE. Nota: rendimento médio real habitual já descontado para a inflação do período.
Período: Jan./2013 a Jan./2018.



Prof. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Armando Henrique

Utilização da capacidade instalada mantém trajetória estável na Indústria e Serviços e ainda segue baixa na Construção.

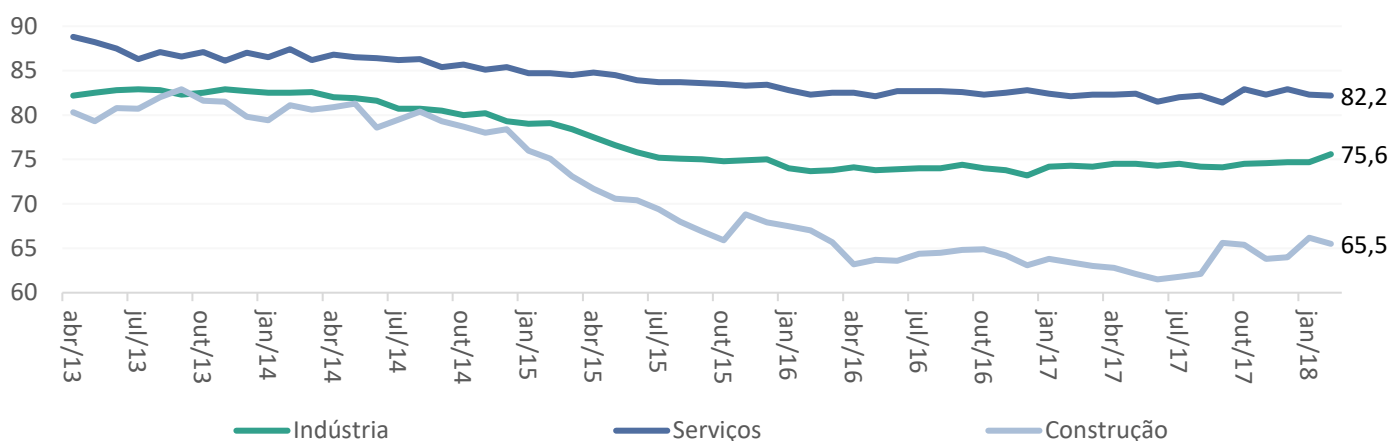
A Figura 5 traz os dados do nível de utilização da capacidade instalada e mostra uma trajetória, relativamente, estável para os setores da indústria e serviços. Entretanto, os valores registrados ainda são bem inferiores aos observados no período que antecedeu a recente crise.

Embora em patamares ainda baixos, os dados tem apontado uma trajetória de recuperação. Dados, mais recentemente divulgados, em Fev./2018, mostram um nível de utilização da capacidade instalada da indústria de 75,6%, o maior desde junho de 2015 (75,8%).

No setor de serviços, a utilização da capacidade instalada ficou acima dos 80%, ao longo de todo o período retratado. Em Fev./2018 atingiu 82,2%, permanecendo estável em relação ao registrado no mesmo mês do ano anterior (82,1%).

Os piores resultados foram registrados para a construção civil, que sofreu fortemente com a crise de 2014 a 2016, e ainda tem operado com uma alta capacidade ociosa. No período, compreendido entre Ago./2014 e Jun./2017, foi registrada uma queda de 18,9 p.p. em seu nível de utilização da capacidade instalada.

Figura 5 – Nível de Utilização da Capacidade Instalada



Fonte: IBRE/FGV. Período: abril de 2013 a fevereiro de 2018.

Confiança segue uma trajetória de crescimento gradual

Os Índices de Confiança da FGV/IBRE, mostrados na Figura 6, apontam uma melhora contínua na confiança, nos setores da indústria, serviços e comércio. Em Fev./2018, o índice de confiança de serviços avançou 1,3, alcançando 93,1 pontos e o do Comércio cresceu 0,4 ponto, atingindo 95,5. O da indústria teve o maior avanço: de

1,0 p. p., atingindo 100,4 pontos em Fev./2018, primeira vez que o índice ultrapassou o nível de 100 pontos, desde setembro de 2013, o que reflete o otimismo no setor com relação às perspectivas futuras de retomada do investimento.

Após contínuos avanços, registrados no ano de 2017 e no primeiro mês de 2018, os índices



Conjuntura Econômica

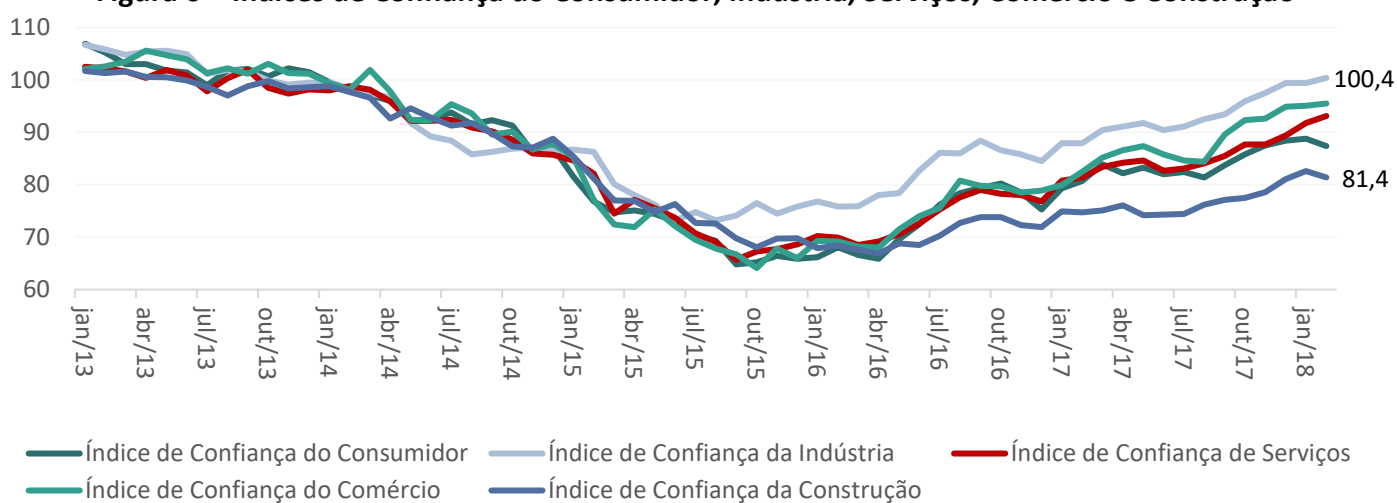
Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Armando Henrique

de confiança do consumidor e da construção civil recuaram em Fev./2018. O da construção, após oito meses consecutivos de crescimento, caiu 1,2 ponto, atingindo 81,4 pontos em Fev./2018. Esse recuo refletiu, principalmente, o arrefecimento

do otimismo dos empresários com relação às expectativas de curto prazo. O do consumidor recuou 1,4 ponto, passando de 88,8 pontos em Jan./2018 para 87,4 pontos em Fev./2018.

Figura 6 – Índices de Confiança do Consumidor, Indústria, Serviços, Comércio e Construção



Fonte: IBRE/FGV. Período: janeiro de 2013 a fevereiro de 2018.

Inflação segue em ritmo lento e atinge menor patamar já registrado para o mês de janeiro

Como reflexo da recente crise econômica, das ações do Banco Central, bem como das safras recordes que contribuíram para reduzir o preço dos alimentos, o ano de 2017 foi um caso atípico para a inflação brasileira. Pela primeira vez, ela fechou o ano abaixo do piso da meta: 2,95%.

No início de 2018 a inflação seguiu em ritmo desacelerado. Na variação mensal, a taxa de inflação ficou em 0,29%, a menor taxa registrada para o mês desde a criação do Plano Real. Dentre os grupos, apenas os itens habitação e vestuário tiveram quedas nos preços, apresentando retração de -0,98% e -0,85%, respectivamente. Dentre os grupos com variação positiva, destacaram-se transportes, com a maior alta, de 1,10%, e

alimentação e bebidas, com alta de 0,74%. No acumulado em 12 meses, a taxa de inflação atingiu 2,9% em Jan./2018 (Figura 7).

Analisando as categorias para o IPCA, nota-se que os preços dos comercializáveis seguem um processo deflacionário. Por outro lado, os monitorados puxam o IPCA para cima. Ressalta-se, no entanto, que após um período de elevação entre Jun./2017 e Dez./2017 puxada, principalmente pelo aumento dos preços dos combustíveis, a inflação dessa categoria desacelerou, quando analisado o acumulado em 12 meses, passando de uma taxa de 8% em Dez./2017 para 7,4% em Jan./2018. A inflação dos bens não comercializáveis atingiu 3,3% em Jan./2018.

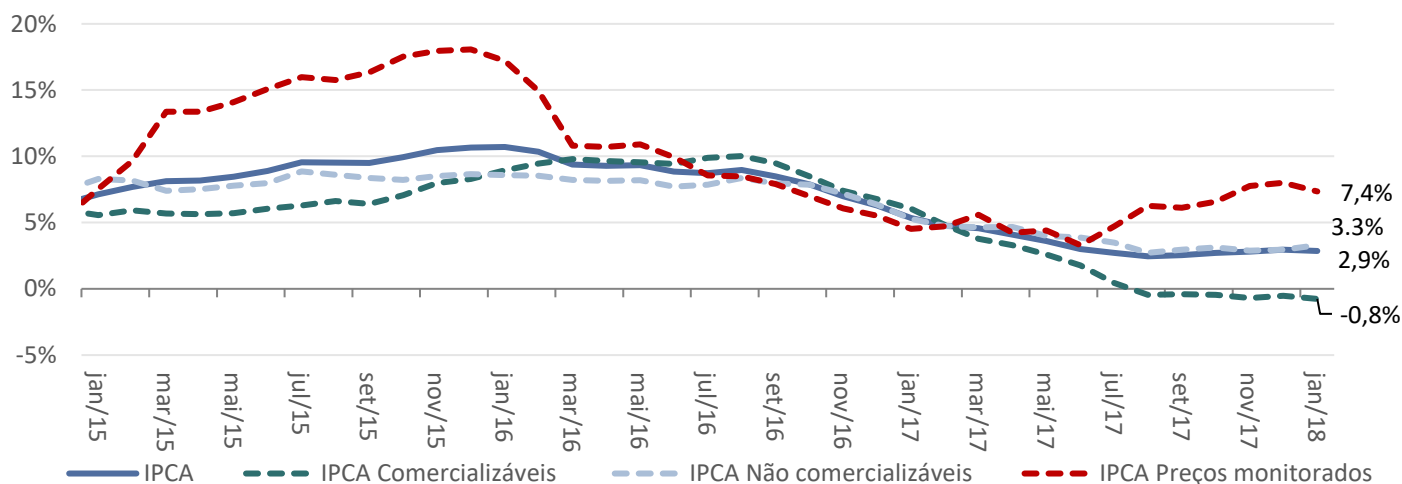


Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Armando Henrique

Figura 7 – IPCA geral, comercializáveis, não comercializáveis e monitorados
Variação % acumulada em 12 meses



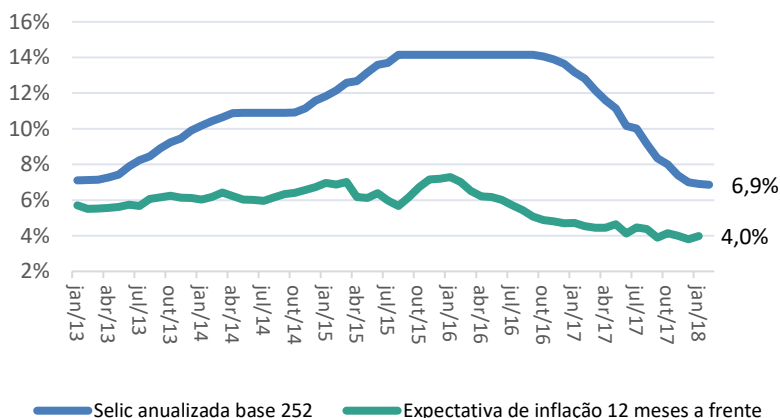
Fonte: BCB. Período: Jan./2015 a Jan./2018.

Juros Nominal e Real seguem em queda

Com a taxa Selic em constante queda, desde o início de 2017, e as expectativas de inflação ancoradas em torno de 4%, desde Set./2017 (Figura 8), o efeito líquido é uma redução da taxa de juros real (Figura 9), o que é um fator crucial

para retomada do consumo e dos investimentos produtivos. Com a baixa taxa real de juros, situada em 2,8%, em Jan./18, associada à recuperação na confiança, podemos esperar maior crescimento dos investimentos e consumo em 2018.

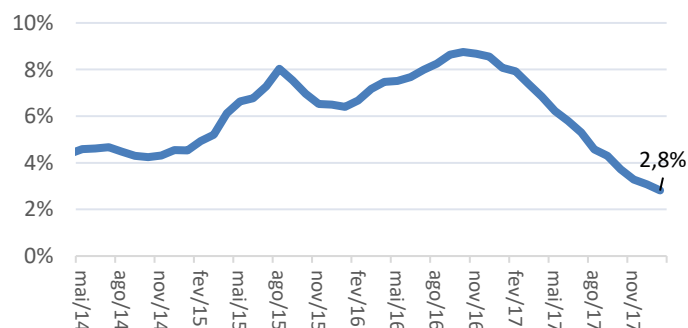
Figura 8 – Taxa SELIC anualizada e expectativa de inflação de 12 meses a frente



Fonte: BCB. Período: Jan./2013 a Jan./2018.

Nota: taxa real de juros é a Selic anualizada descontada da expectativa de inflação 12 meses à frente

Figura 9 – Taxa real de juros (% ao ano)





Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Armando Henrique

Expectativas de mercado: Perspectivas otimistas para o PIB brasileiro e cenário ainda complicado para as contas públicas.

A Tabela 1 retrata as expectativas de mercado, coletadas em 02/Mar./2018, e divulgadas pelo Boletim Focus, para crescimento do PIB, inflação medida pelo IPCA, resultado primário como proporção do PIB e saldo em conta corrente, para os anos de 2018 e 2019.

De acordo com a Tabela 1, as expectativas para o PIB, em 2018, foram revisadas de 2,70%, há quatro semanas, para 2,90%. As expectativas de retomada vêm acompanhadas por expectativas de aumento da inflação, sinalizando uma taxa de 3,7%, em 2018, e de 4,24%, em 2019.

As expectativas para as contas públicas ainda se encontram no vermelho. Para 2018, espera-se um déficit primário de -2% do PIB, e para 2019 de 1,33% do PIB. Embora as perspectivas sejam um pouco melhores para o ano de 2019, o cenário vislumbrado ainda é preocupante e, novamente se enfatiza a importância da agenda de reformas para reduzir os gastos públicos.

Para o saldo em conta corrente, as expectativas apontam um déficit de US\$ 26,1 bilhões, em 2018, e de US\$ 38,5 bilhões, em 2019.

Tabela 1 – Expectativas de mercado para 2017 e 2018 (coleta realizada em 15/Dez./2017)

Boletim FOCUS 02/03/2018 – expectativa do mercado para 2018			
Variáveis / Cenários	Mínimo	Mediana	Máximo
Cresc. PIB	1,03%	2,90%	4,06%
Inflação IPCA	3,24%	3,70%	4,48%
Fiscal - Resultado Primário (% do PIB)	-2,35%	-2,00%	-1,50%
Saldo em conta corrente (US\$ bi)	-37	-26,1	-16,8
Boletim FOCUS 02/03/2018 – expectativa do mercado para 2019			
Variáveis / Cenários	Mínimo	Mediana	Máximo
Cresc. PIB	1,50%	3,00%	4,60%
Inflação IPCA	4,00%	4,24%	4,50%
Fiscal - Resultado Primário (% do PIB)	-2,00%	-1,33%	-0,54%
Saldo em conta corrente (US\$ bi)	-55	-38,5	-27,1

Fonte: Sistema de Expectativas do BCB / Boletim FOCUS.

Os dados apresentados mostram sinais de recuperação da economia brasileira. Após dois anos de desaceleração da atividade econômica, o PIB voltou a crescer em 2017. Apesar de uma taxa de crescimento ainda modesta, ela é suficiente para ampliar o otimismo e a confiança que se mostram em trajetória de recuperação. Tal cenário e a queda real dos juros geram estímulos à

retomada dos investimentos e consumo e, portanto, à geração de emprego e renda.

Embora o cenário esteja menos nebuloso e as expectativas já retratem perspectivas futuras melhores, ainda é preciso se ter cautela. O quadro político de 2018, no que se refere à agenda eleitoral será decisivo para definir muitas questões que afetam a trajetória econômica do país.